



Golpe de estado: uma atualização conceitual necessária

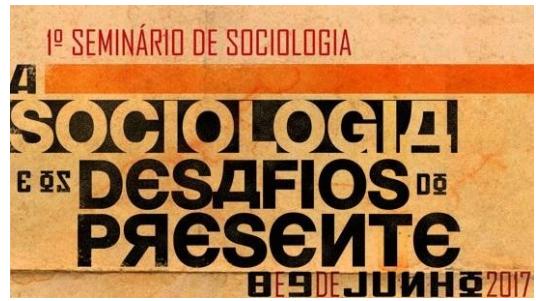
Caroline Scherer¹

Este é um trabalho sobre possibilidades de atualização do conceito de golpe de estado. Propõe-se a abordar os conceitos cunhados pelos dois principais estudiosos do golpe de estado do período, Curzio Malaparte e Edward Luttwak. Defender-se-á que o conceito de golpe de estado atualmente utilizado na academia remonta a fenômenos históricos do século XX, sendo necessária sua atualização a fim de corretamente categorizar eventos do século XXI.

Curzio Malaparte, em sua obra “Technique du Coup d’Etat” de 1931, faz uma análise da tomada do Estado russo promovida pelos bolcheviques em 1917, posteriormente difundida pela II Internacional Comunista. No livro, Malaparte argumenta que a bem sucedida tomada do Estado russo na Revolução de 1917 deveu-se às táticas elaboradas por Lenin, enfatizando que o sucesso da tomada de poder por meio de um golpe depende mais da qualidade técnica das táticas empregadas na missão do que das condições estratégicas em que tal tentativa ocorre. Malaparte aponta que a tática trotskista de tomada do estado consistia em gerar o caos no aparato estatal a partir de sua parte civil - comunicações, transporte, serviço postal, etc. - , o que distrairia a polícia e faria com que os pontos estratégicos ficassesem desprotegidos. O autor destaca como um pequeno número de trabalhadores e de militares foi capaz de tomar o Estado sem o envolvimento direto das massas de trabalhadores. Os trabalhadores não seriam necessários para a subversão da máquina estatal e para sua tomada, mas seriam cruciais para criar o clima político - caos - requerido para um golpe de estado, sendo também cruciais caso engajem-se em oposição ao golpe realizado.

Edward Luttwak apresenta em sua obra “Coup d’Etat: A Practical Handbook” um estudo sobre os golpes de Estado, conceituando esse tipo de evento e diferenciando algumas de suas tipologias. De acordo com Luttwak, golpe de Estado é o evento em que uma parte da burocracia estatal, geralmente os militares, insurge-

¹ Mestranda do PPG-Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharela em Relações Internacionais pela mesma instituição. Contato: scherer.caroline@gmail.com



se contra o governo e lhe toma o poder, instalando um novo governo em seu lugar. O golpe de Estado, portanto, parte de dentro do próprio Estado, não sendo classificados como tal eventos em que grupos externos ao aparato estatal tomam o poder, como seria o caso das revoluções e das rebeliões. O conceito é diferente do apresentado por Malaparte, que não faz grandes distinções entre insurgência, golpe de estado e revolução. Ao passo que na concepção de Malaparte o golpe de estado seria simplesmente a tomada de poder, para Luttwak essa ação deve partir de dentro do próprio Estado.

Luttwak argumenta que golpes de estado tornaram-se fenômenos comuns no século XX em função de mudanças na organização e composição do Estado. O surgimento e fortalecimento de burocracias estatais e das Forças Armadas teria contribuído para que o fenômeno fosse comum no período em que escrevera. A forma de golpe de estado típica da América Latina seria o *pronunciamento*, levada a cabo por militares. Quando reflete acerca do papel das massas e das Forças Armadas no golpe de estado, Luttwak debruça-se sobre o poder defensivo da mobilização popular em relação ao golpe, não debruçando-se sobre seu caráter ofensivo. Também não apresenta a liderança das Forças Armadas como bastião do golpe: o mais importante para que o golpe de estado seja bem sucedido, argumenta, é a participação da burocracia estatal.

Malaparte e Luttwak escrevem em épocas distintas, sendo ambos reflexo dos fenômenos que ocorriam na Europa e em outras partes do mundo durante o período. Ambos basearam-se em fatos históricos, mais ou menos recentes, para construir seu conceito e tipologia do golpe de estado. Tanto Malaparte quanto Luttwak valem-se do argumento de que a estrutura estatal modificou-se ao longo do tempo, propiciando que diferentes tipos de tomada de poder fossem possíveis. Os dois autores reconhecem o papel da burocracia estatal e das Forças Armadas no processo de tomada do poder, embora Luttwak detenha-se em maior detalhe em como infiltrar a burocracia a partir do núcleo estratégico de planejamento do golpe.



A despeito de suas diferenças, os dois autores contribuem para reforçar o argumento de que a maneira como ocorre um golpe de estado está intimamente relacionada à estrutura do estado no momento do golpe. Golpes como o arquitetado por Trotsky em 1917, argumenta Malaparte, já não seriam possíveis em função de o estado ter aprendido a se prevenir de tais eventos. Luttwak atenta para a dificuldade de tomar-se o estado a partir de mobilizações populares em função do desenvolvimento do aparelho repressivo. Ambos utilizam argumentos históricos para defender sua tese, deixando evidente que a forma como o golpe de estado ocorre depende de seu contexto histórico, do desenvolvimento da burocracia e dos mecanismos desenvolvidos pelo aparelho de segurança do Estado.

O trabalho de Lane, embora não se proponha a dialogar diretamente com Malaparte e Luttwak, apresenta um conceito de golpe de estado que leva em consideração as estruturas do Estado, da sociedade e do sistema internacional no momento atual, considerando um fenômeno que contou com participação das massas como golpe. O trabalho de Lane demonstra que o golpe não necessariamente parte apenas da burocracia estatal, sendo a mobilização da sociedade civil um fator importante nos golpes de estado contemporâneos. Assim como na Ucrânia, outros países do Leste Europeu passaram por processos que se encaixariam na definição de “golpe de estado revolucionário” - golpe com protesto eleitoral que conta com o apoio da elite política e que não parte das Forças Armadas.

O conceito de golpe de estado depende da realidade histórica - o contexto - em que o fenômeno ocorre. A despeito de, entre a Primeira Guerra Mundial e o fim da URSS, os golpes terem usualmente envolvido a tomada de poder por elementos das Forças Armadas, isso não significa que necessariamente todos golpes assumirão a mesma forma. Se Malaparte e Luttwak consideram a estrutura do estado e da burocracia no momento de tipificar e narrar processos de golpe, Lane adiciona à equação elementos da sociedade e do sistema internacional, oferecendo hipóteses adequadas à análise de processos contemporâneos de golpe e de tomada



do poder. Para análises atuais sobre o conceito, é necessário fazer uma análise que aproxime-se da de Lane e de Malaparte, em que a tomada do poder é analisada a partir de processos históricos e da mobilização e opinião popular em torno desta. A partir do Consenso de Washington e das novas formas de promoção da hegemonia americana pelo globo, ações que adotam a força militar com finalidade de conquista do poder tem-se tornado apenas parte do arsenal empregado para atingir-se o objetivo. No século XXI, não apenas as Forças Armadas e a burocracia estatal podem ser instrumentalizadas para a tomada do poder, sendo também possível o emprego de organizações da sociedade civil, partidos e mídia para chegar-se a esse objetivo.

4. Bibliografia

- LANE, David. “**The Orange Revolution: ‘People’s Revolution’ or Revolutionary Coup?**”. Political Studies Association, 2008.
- LUTTWAK, Edward. **Coup d’Etat**. New York : Alfred A. Knopf, 1969.
- MALAPARTE, Curzio. **Technique of Revolution**. Sem data.
- ROBERTSON, David. **The Routledge Dictionary of Politics**. 3 ed. London: Routledge, 2004.